



ENTREVISTA

**Tamara Benakouche:** Ciências, Tecnologia e Sociologia na UFSC

Tamara Benakouche, *Universidade Federal de Santa Catarina*
Miriam Grossi, *Universidade Federal de Santa Catarina*¹
Carmen Heisecke, *Universidade Federal de Santa Catarina*
Suzana Vergara, *Universidade Federal de Santa Catarina*
Evelin Neves, *Universidade Federal de Santa Catarina*
Izabela Liz Schlindwein, *Universidade Federal de Santa Catarina*



Still de Tamara Benakouche para o documentário
“Reposicionando Olhares” do NIGS/UFSC



#PraCegoVer: Na imagem, Tamara Benakouche sorri. Veste blusa marrom, usa brincos dourados de argola e um colar de contas grandes e pretas. No fundo, uma obra em tapeçaria de cores preta, branca e marrom, remetendo a motivos indígenas.

¹ Miriam Grossi coordenou o projeto que integra o documentário “Reposicionando Olhares”. A professora participou do planejamento, execução e edição final deste texto para os Cadernos de Gênero e Diversidade (CGD). Carmen Heisecke, Suzana Vergara e Evelin Neves também fizeram parte do projeto e atuaram, em específico nesta entrevista, na elaboração de perguntas a Benakouche. Izabela Liz Schlindwein trabalhou na pós-produção textual e redação da abertura para os CGD.

Apresentação

Com a publicação desta entrevista da profa. Tamara Benakouche, damos continuidade à divulgação dos resultados do projeto de pesquisa “Outros Olhares”, desenvolvido pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC). A entrevista foi realizada em dezembro de 2022 com o objetivo de integrar as comemorações dos 50 anos do curso de Ciências Sociais da UFSC (1973–2023).

Nesta entrevista, Tamara Benakouche compartilha sua contribuição para a consolidação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a partir de 1982 e, sobretudo, para a criação do campo dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia no Brasil.

A socióloga reconstrói, em tom reflexivo e memorialístico, um percurso intelectual marcado pelo pioneirismo nos estudos sociais da ciência e da tecnologia no Brasil. Conta sua trajetória acadêmica — que atravessa a formação na França, a pesquisa sobre a chamada “pré-história da internet” no país, o retorno à UFSC e sua atuação docente desde a década de 1980 — oferecendo uma leitura crítica sobre a produção científica, os sistemas técnicos, os riscos tecnológicos e os limites do determinismo da técnica.

O diálogo aqui compartilhado evidencia as dificuldades institucionais enfrentadas por abordagens na época consideradas marginais no campo da Sociologia, bem como os deslocamentos epistemológicos que sua obra propõe ao articular tecnologia, ciência, poder, cultura e Estado. Ao comentar suas experiências de ensino e formação na graduação, na pós-graduação, na educação a distância, na gestão universitária e na edição científica, a entrevistada ilumina os processos de legitimação do conhecimento e as resistências à incorporação das tecnologias nos espaços educacionais.

Ao longo da entrevista, ganham destaque suas interlocuções com autores centrais da Sociologia contemporânea — como Bruno Latour, Pierre Bourdieu e Anthony Giddens — e sua defesa de uma abordagem não determinista da técnica, atenta à dimensão social, simbólica e política da ciência em construção. Mais do que um relato biográfico, este texto constitui um documento sobre a institucionalização dos estudos de ciência e tecnologia no Brasil, bem como sobre as tensões de gênero, geração e campo disciplinar que atravessam o fazer científico.

Miriam Grossi: Conte-nos um pouco de sua história.

Tamara Benakouche: Eu sou pernambucana, nasci no Recife em 1948; então estou com 74 anos (em 2022). A minha mãe se formou em Direito em 1945. Ela era da turma do meu pai. Eram quatro mulheres na turma dela. Vejam, uma mãe que se forma em Direito em 1945! Ela tinha uma irmã que era dentista, outra irmã que era médica. Então, para mim, as mulheres terem uma atividade profissional era normal. Eu nunca vi mães serem "do lar" dentro da minha casa. Eu só tive irmãos homens. Então, eu vivi em um meio onde as mulheres tinham realmente autonomia.

A minha mãe morreu quando eu tinha 7 anos, morreu muito cedo. Meu pai casou novamente e essa segunda mulher dele tornou-se a minha mãe, um ser iluminado. Nós tivemos muita sorte, eu e meus irmãos. Papai era advogado. Trabalhava muito. A gente tinha condições financeiras bastante boas. Minha nova mãe não tinha curso universitário, mas trabalhava no Tribunal do Trabalho. E quem mandava em casa era ela. Ela trabalhava à tarde e comandava as coisas dentro de casa. Ela era muito organizada e comandava mesmo tudo.

Miriam Grossi: Quantos irmãos eram?

Tamara Benakouche: Na minha casa, eu tinha dois irmãos. Eu tinha mais um irmão, mas ele foi criado pela minha avó, porque a minha mãe morreu de uma infecção consequente do parto. Ela tinha 36 anos... E, aí, o bebê ficou sendo criado pela minha avó. Então, na minha casa, éramos eu, os meus dois irmãos, meu pai e minha mãe número dois.

Nós fomos acostumados a estudar. Eu comecei a estudar francês, ainda menina, na Aliança Francesa. E todos nós estudávamos inglês, eu e os meus irmãos. Eu estudava ballet e tinha sempre muitas atividades. O último lugar onde eu via minha mãe era na cozinha, fazendo qualquer coisa, porque ela não sabia mesmo. Se a empregada faltasse, se houvesse um problema, comprava-se uma marmita de uma portuguesa. Então, nessa trajetória, eu nunca me interessei muito pela temática de gênero, porque eu não achava que havia um problema. Não via isso como um problema. Esse foi o plano de fundo da minha infância. Para deixar claro, achei que seria honesto com vocês começar esclarecendo isso.

Miriam Grossi: Mas tudo que você nos conta tem a ver com Gênero...

Tamara Benakouche: Esse começo eu acho que tem... Eu fiz o curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco, em um período muito difícil, porque eu entrei em 1967 e terminei em 1970;

peguei os “anos de chumbo”. Era muito complicado. Era um curso noturno e foi um curso fraco, porque os professores tinham medo de falar caso houvesse algum “dedo-duro” na turma; podiam ser presos... Em 1968, teve o AI-5 e endureceu muito a situação política. Então, os alunos tinham medo de falar, os professores tinham medo de falar, e terminou sendo um curso mais ou menos.

Miriam Grossi: O curso de Ciências Sociais já existia há muito tempo em Pernambuco quando você entrou? E era Ciências Sociais mesmo? E você se lembra de algum nome dos seus professores?

Tamara Benakouche: Já. Já existia. Não era um curso novo. Era um curso de Ciências Sociais. A gente aprendia Antropologia, Sociologia e Ciência Política. O professor de Antropologia dava muita cultura indígena, pelo que eu me lembro, mas o tema nunca me mobilizou. René Ribeiro, ex-presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), foi meu professor.

Suzana Vergara: Era licenciatura ou bacharelado?

Tamara Benakouche: Eu fiz bacharelado. Acho que naquele tempo não tinha essa divisão. Quando terminava, era que resolvia, eu acho. A gente fazia muita Estatística. Acho que na falta de uma teoria mais crítica, o pessoal dava mais a parte de Ciências Exatas. Eu, inclusive, fui fazer Ciências Sociais, mas eu queria mesmo era fazer Economia. No entanto, eu era fraca em Matemática, porque no segundo grau (hoje Ensino Médio), eu fiz o Curso Normal, no Instituto de Educação.

Eu estudei no Instituto de Educação desde os anos de Ginásio (hoje, primeiros anos do primeiro grau). O meu pai era de esquerda, não me deixou estudar em colégio de freira. Como eu fiz o Curso Normal, tornei-me professora e logo arranjei onde trabalhar. Fiz o curso de graduação sendo professora no pré-primário. Eu gostava muito.

Durante esse Curso Normal, houve uma mudança curricular e nós tivemos a disciplina Economia. O professor era excelente! Trabalhava no Banco do Nordeste e dava aulas do curso de Economia da UFPE. Eu amei Economia! Meu pai tinha uma biblioteca enorme; ele era um grande comprador de livros e eu tinha acesso a todos os livros que os professores pediam. Chegava na principal livraria da cidade e colocava na conta de papai qualquer livro que qualquer professor pedisse. Nesse ponto, eu fui realmente privilegiada e acho que é importante isso

também ser dito.

Mas eu não sabia Matemática. Detestava Matemática. Então decidi: ‘Não vou fazer Economia’. Aí, eu fui fazer Ciências Sociais. Esta foi uma segunda opção. E infelizmente o professor de Economia no curso de Ciências Sociais não era muito bom. Então, eu me desmotivei totalmente. Só que, ao mesmo tempo, eu sentia que queria estudar mais Sociologia. Então, quando eu terminei o curso de graduação, já existia um curso de mestrado em Recife. Era parte do famoso PIMES, Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia, financiado pela Ford Foundation.

A gente tinha de fazer um teste para entrar. Eu fiz, passei e ganhei bolsa. Mas exigia tempo integral, o que fez com que eu deixasse de ensinar. Eu adorava dar aula para crianças. Eu dava aula na Escola de Aplicação do Instituto de Educação. O que era também uma coisa privilegiada: dar aula em uma escola de aplicação. Porém, nelas tem mais trabalho, porque além de preparar as aulas, você tem de estar preparada para receber visitas de alunas de outros cursos, que vêm ver sua programação, como é que você ensina.

Mas aí, eu ganhei uma bolsa para fazer o mestrado em Sociologia no PIMES. Eu não me lembro direito qual era a moeda do Brasil na época, mas eu sei que eu ganhava como professora, 205 cruzeiros ou cruzados, e a bolsa era de 700. Não dava para pensar duas vezes, não é? Então, eu, com muito pesar no coração, abandonei minhas crianças e fui estudar, em tempo integral, Sociologia.

Miriam Grossi: Como foi a experiência do Mestrado?

Tamara Benakouche: Nós já estávamos em 1971. Ainda era um tempo meio pesado... O professor de Teoria Sociológica, Cláudio Souto, dava aulas sobretudo de autores alemães: Weber, Von Wiese, mas nada de Marx... O coordenador era Heraldo Souto Maior. Ele foi também meu professor de Sociologia. Tivemos Psicologia Social, com Silke Weber. Um pouco mais de abertura para a modernidade aconteceu com uma professora que havia chegado recentemente do Chile: Lia Parente Costa. E ela veio nos apresentando textos de Fernando Henrique Cardoso, que era o sucesso do momento; de Francisco Weffort... Ela tinha estudado na FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), e foi uma abertura muito boa, muito grande. Então, eu adorei fazer essa disciplina. A gente estudava muito, mas a gente também tinha muita Estatística, que me perseguia (risos). E em um tempo em que não havia essas máquinas de calcular modernas. Eram umas máquinas mecânicas, que a gente dizia que eram de ‘moer números’. Você colocava um número para

frente, um número para trás, era uma complicação. Olha, era um sofrimento ter de estudar tanto qui-quadrado, mas era o que tinha.

E, no final, com as aulas de Sociologia mais contemporânea, eu me interessei em ir adiante, mas tinha um problema: eu não sentia segurança teórica. Eu não senti, na época, que tinha condições de fazer a dissertação. Então, eu abandonei o curso. Eu fiz todos os créditos, mas eu não apresentei a dissertação; eu não me sentia madura teoricamente (posteriormente, recebi uma equivalência à Especialização). Eu sempre dei muita importância à teoria, mas eu achava tudo muito confuso, eu não conseguia escolher uma temática, uma direção.

Aí, eu comecei a querer trabalhar. Disse para mim mesma: ‘está na hora de eu ter uma experiência de trabalho’. Então um primo (político) conseguiu para mim uma entrevista no Instituto de Planejamento de Pernambuco. Eu fui e fiz essa entrevista. Quem coordenava o Instituto, na época, era Everardo Maciel, que no governo de Fernando Henrique foi presidente da Receita Federal. Inclusive, foi ele quem me ensinou a fazer tabelas. Tanta Estatística e eu não sabia fazer tabelas direito. Eu fechava dos lados e não era para fechar... Mas o que importa é que eu fui aceita. Eu lembro que na entrevista me pediram para eu falar sobre populismo e eu tinha lido Weffort. Aí, falei tudo que eu sabia. Assim, fui trabalhar no planejamento. Foi muito bom. Isso já era 1973 para 1974, quando estavam sendo criadas e institucionalizadas formalmente as regiões metropolitanas no Brasil.

Recife era uma região metropolitana. Então, eu comecei a trabalhar no grupo que estava responsável pela delimitação da Região Metropolitana do Recife. Para isso, exigia-se pesquisa de transporte, de origem e destino, de fluxo populacional; uma série de pesquisas. E eu trabalhei com esse pessoal do planejamento e foi uma experiência muito rica. Inclusive, quando eu vim dar aula aqui, eu acho que, no meu departamento, eu era uma das únicas, senão a única, que tinha experiência prática como socióloga.

Isso, mais ou menos, porque eu não sei bem o que faz um ‘sociólogo prático’ (risos), mas eu trabalhei no planejamento. E isso foi uma experiência muito boa. Trabalhei com excelentes profissionais, aprendi a usar censos demográficos, coisa que eu nunca tinha aprendido; quando eu vim dar aula aqui, eu levei algumas vezes os alunos à Biblioteca Universitária para aprenderem a usar censos, os censos demográficos, os ‘livrões’ do IBGE.

Miriam Grossi: E o doutorado foi na França?

Tamara Benakouche: Depois de uns dois anos, eu comecei a querer voltar a estudar. Só que eu não queria mais estudar no Brasil. Resolvi que queria fazer novamente um mestrado, mas eu queria fazer na França. Curiosamente, na época, tinha um convênio entre o Ministério das Cidades (alguma coisa assim, não era bem esse nome) e um Instituto em Edimburgo, na Escócia, na área de planejamento urbano. Por conta da história das regiões metropolitanas, estava muito na moda os Estudos Urbanos.

Eu sabia inglês e sabia francês, aí eu disse ‘vou tentar nos dois países’ e me inscrevi em cursos nos dois. Eu não ganhei aceite no de Edimburgo, mas ganhei no da França. E fui fazer meu mestrado em Paris. Ganhei inclusive uma bolsa do governo francês, de intercâmbio para estudantes estrangeiros. Era pouco, mas eu tinha o meu salário, que já era ótimo. Então, eu tinha uma boa condição.

Eu fiz o meu mestrado em um instituto chamado Instituto de Estudos do Desenvolvimento Econômico e Social (IEDES), ligado à Université de Paris-I (Panthéon-Sorbonne). Havia bolsistas de países africanos e latino-americanos, eram todos os meus colegas. E eu fiz o meu curso lá. Foram dois anos. No primeiro ano, fiz as disciplinas. No segundo, eu fiz a minha dissertação sobre o processo de urbanização no Nordeste do Brasil. Eu estava sempre preocupada com essa questão do ‘urbano’. Eu fiquei satisfeita com o meu trabalho e gosto dele até hoje. Estudei muito as mudanças no meio rural para poder entender porque as pessoas migravam para a cidade. Terminei a minha dissertação com uma ótima nota e também conheci o meu marido neste curso. Mas, isso é outra história. Adianto apenas que ele é argelino, mas quis vir para o Brasil. Ele já fazia doutorado em Economia e trabalhava sobre questões de desenvolvimento e subdesenvolvimento. Só que, infelizmente, ele não quis ficar no Recife. Procurou e achou emprego em Curitiba. Então, nos casamos e fomos morar lá.

Miriam Grossi: O casamento e a vinda para Curitiba aconteceram juntos?

Tamara Benakouche: Sim. Eu tinha minha dissertação de mestrado, que naquela época ainda era algo importante. Eu estou falando de 1978. Em Curitiba, eu precisava trabalhar e, nesta época, o prefeito da cidade era Jaime Lerner. Ele era um urbanista que tinha feito uma primeira gestão de sucesso total em planejamento. Curitiba era considerada a cidade mais bem planejada do Brasil, famosíssima por causa do sistema

de transporte, do sistema viário, etc. E ele estava na segunda gestão. Aí, eu pensei: ‘Eu vou tentar trabalhar no IPPUC’, que era o Instituto de Planejamento Urbano. Então, um amigo do meu marido conseguiu agendar uma entrevista para mim.

Eu fiz uma entrevista, e como eu tinha minha dissertação, eu a levei. A pessoa que me entrevistou falava um pouco francês e deu uma folheada no texto; então, eu fui aceita.

Eu comecei a trabalhar no IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano. Um detalhe que talvez interesse às feministas: eu estava grávida. Só que eu escondi. Apertei a barriga para ninguém saber. Porque tinha o período probatório de três meses. Não é como na universidade, hoje, que são dois anos, três anos. Eram três meses. E fiquei enrolando o setor pessoal para levar a carteira de saúde e tirar um raio-x. Eu não ia fazer um raio-x grávida. Dizia que me esquecia, que não sabia onde era e como chegar. Quando faltavam uns 15 dias, eu acho, para terminar o meu período probatório, uma colega minha, a gente tomando café, disse assim: ‘Você está grávida?’ Nunca vou esquecer o frio na barriga (risos). Aí, eu olhei e disse: ‘Estou, mas eu preferia que não se espalhasse’ e ela disse: ‘Mas que bobagem, ninguém vai tirar você daqui. Os três meses que você está aqui já provaram...’ Bom, eu pude ficar grávida e trabalhar tranquilamente.

Miriam Grossi: Você já estava com quantos meses de gravidez quando chegou?

Tamara Benakouche: Eu acho que... ele nasceu em dezembro de 1979, antes do prazo. Eu não me lembro exatamente, mas eu estava com uns dois, três meses, por aí. Fiquei bem, não tive problema nenhum durante a gravidez. Aí nasceu meu filho, foi um menino. Eu fiquei muito contente porque eu queria mesmo um menino, confesso, desde o começo. Foi parto normal, um parto ótimo. Não tive problema nenhum. Nasceu assim, “páft”, num instante. Tive uma gravidez maravilhosa, trabalhei até a véspera: trabalhei até sexta-feira e ele nasceu no sábado.

Depois de três meses eu retomei meu trabalho. No entanto, por essa época, meu marido não estava feliz na UFPR. Ele havia sido contratado, porque iam criar um curso de doutorado; no entanto, por uma série de problemas, esse curso não foi criado. Ele começou então a receber convites do pessoal da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, onde havia mestrado em Administração, para dar

palestras e coisas assim.

Nessa época, ele já havia publicado sua tese pela Editora Vozes (Dependência e Acumulação na América Latina); já tinha contatos com a CAPES, que começou a convidá-lo para bancas, avaliações de cursos e uma série de coisas. Então, ele recebeu um convite para ser professor visitante da UFSC. Aí eu disse: “Olha, agora eu não vou. Já deixei meu emprego em Recife para vir para cá, agora não vou fazer isso de novo. Quando abrir um concurso lá, eu faço.”

Finalmente, em 1982, abriu concurso no Departamento de Ciências Sociais. Eu fiz e passei.

Miriam Grossi: Você se lembra como foi o concurso? Qual área era? Quantos candidatos? Quais as questões? E como foi seu início na UFSC?

Tamara Benakouche: O concurso era para Teoria Sociológica. Eu me lembro que não sabia nada de teoria marxista. Sabia um pouco daquela teoria que eu tinha visto no PIMES, mas muito pouco. Comecei a estudar, estudei bastante e fiz o concurso.

A banca era composta pelo professor Osni Régis, do Direito, a professora Ilse Scherer e a professora Julia Guivant da Sociologia. Eu não conhecia ninguém. Como vocês viram pela minha história, eu não tinha ligação nenhuma com Santa Catarina. Passei em primeiro lugar, havia mais três concorrentes.

Fui contratada no começo de 1982 e comecei a dar aulas. Quando eu entrei, uma pessoa a quem fiquei muito agradecida foi Anita Moser, que era professora substituta, chamada horista na época; quando eu entrei, acabei tirando o emprego dela... Mas ela foi de uma generosidade enorme: me passou todo o material, explicou como dava as aulas, tudo.

Eu fui ensinar Introdução à Sociologia em um monte de cursos: História, Nutrição, Serviço Social... Só nunca dei aula de Sociologia no próprio curso de Ciências Sociais, o que foi uma pena, porque eu tinha mil ideias, mas havia professores mais antigos que tinham prioridade. Depois dei durante muitos anos Teoria II e virei “bam-bam-bam” em Max Weber, pois o núcleo da disciplina era sobre ele.

Miriam Grossi: E quando entrou a Sociologia Urbana?

Tamara Benakouche: Foi uma sorte! Havia um professor que era responsável há tempos pela disciplina. Daí, por razões de ordem particular, ele pediu demissão. Quando ele saiu, eu me candidatei na hora para dar Sociologia Urbana. Foi ótimo, porque, como já sabem, eu entendia um pouco de planejamento urbano, de problemas urbanos. Acho que isso foi em 1983 ou 1984, porque em 1985 eu já saí de licença

para o Doutorado.

Miriam Grossi: Como era o curso naquele momento? Que autores, que temas?

Tamara Benakouche: Havia uma liberdade muito grande. A universidade dava muita autonomia. Então, eu criei meu próprio curso. Eu usei muitos textos do Lúcio Kowarick, que era o grande nome da época sobre marginalidade urbana. Trabalhei o tema da violência urbana com textos da Alba Zaluar. Defendia que a violência não estava só nas favelas, era algo mais amplo. Incluí até acidentes de trânsito como violência urbana. Também trabalhei o tema do planejamento urbano, pois eu tinha muita preocupação em não formar só acadêmicos, mas também gente para atuar como sociólogo. Levei os alunos à Biblioteca, trabalhei dados do IBGE, coisas práticas.

Na Sociologia Urbana, tinha também alunos de outras áreas, como Economia, Educação e Arquitetura e isso enriquecia o debate.

Miriam Grossi: E a pesquisa?

Tamara Benakouche: No começo, não era obrigatório se fazer pesquisa. A primeira que fiz foi sobre o chamado Projeto Cura, de renovação urbana, do Ministério das Cidades. Eu chamei o projeto de “Os males do Cura”, porque quando você renova uma área degradada, valoriza e expulsa a população. Fiz a pesquisa, que virou artigo, mas nunca o publiquei.

Miriam Grossi: E o doutorado?

Tamara Benakouche: Em 1985, resolvi ir para a França. Naquele período, havia começado a se discutir sobre a informática. Não havia internet, nem celular, mas os computadores estavam chegando. Meu marido havia coordenado uma coletânea do CNPq sobre os impactos da informática. Eu o ajudava corrigindo textos e comecei a me interessar pelo tema. Daí, descobri autores que diziam que as cidades iam acabar, que tudo seria virtual. Achei estranho, mas fiquei curiosa e resolvi pesquisar essa questão. Logo descobri que nos estudos sobre o desenvolvimento tecnológico, adotava-se quase sempre uma das seguintes posições: tecnolatria ou tecnofobia. Daí, já pensei em evitá-las.

Enviei projeto de doutorado para as Universidades de Paris-XII e

Paris-VIII. Fui aceita nas duas. Preferi ficar em Paris-XII quando conheci meu orientador, Gabriel Dupuy, engenheiro urbanista, da École des Ponts et Chaussées. Ele trabalhava com redes e territórios. A primeira coisa que ele me disse foi: *“Não uso o conceito de impacto. Impacto dá ideia de sociedade passiva. Prefiro implicações.”* Concordei na hora. Ele também disse: *“Você não vai estudar informática. Vai estudar redes de comunicação. A grande transformação são as redes.”* E nem existia Internet ainda...

Miriam Grossi: Mas já havia o Minitel na França, não?

Tamara Benakouche: Sim. Tinha o Minitel, que eu estudei bastante. Era um terminal telefônico com tela, uma espécie de computador “burro”. Seu objetivo era substituir as listas telefônicas; depois virou acesso a bases de dados, facilitador de namoro à distância, de acesso a pornografia, tudo. Foi um sucesso no começo e depois morreu. Mostrou que nem toda tecnologia dá certo.

Buscava-se criar uma cultura híbrida entre informática e telecomunicações, que eram muito diferentes: a informática era desregulada; as telecomunicações eram totalmente reguladas. O Minitel foi uma tentativa de ponte entre as duas competências.

Miriam Grossi: E sua trajetória acadêmica lá?

Tamara Benakouche: Fiz o DEA - Diplôme d’Etudes Approfondies - no primeiro ano, com uma nota altíssima: tirei 18 ou 19, numa escala de 0 a 20. Meu professor disse que eu “atavessei o teto”. Depois passei a integrar o grupo de pesquisa dele, sobre Redes e Territórios. Eu tinha um filho de seis anos. Daí, foi um período difícil, por causa dos horários nas escolas francesas, das quartas-feiras sem aula. Mas me organizei e terminei a tese em quatro anos certinhos.

Miriam Grossi: Como começou a pesquisa sobre o que denomina “Pré-história da Internet”?

Tamara Benakouche: Esse é o título de um artigo que escrevi a partir da minha tese e que foi publicado numa Revista da USP. Para fazer a pesquisa de campo para o Doutorado, vim passar três meses no Brasil. Inicialmente, fui para Brasília e fiz entrevistas na Telebras, na SEI (Serviço de Proteção à Informática) e no Ministério das Comunicações. A grande política no Brasil nessa área, nessa época, era a reserva de

mercado, de proteção à indústria. Era uma grande complicação a entrada de um computador estrangeiro no país; tudo tinha de ser fabricado no Brasil, o que, em minha opinião, era um grande equívoco, pois eu achava que tinha que controlar essa entrada, não proibir.

Depois, eu descobri que o projeto de cultura híbrida que eu ia estudar no Brasil, o Cirandão (projeto inicialmente parecido com o Minitel da França), era da Embratel, e estava sendo desenvolvido no Rio. Então, fui para lá para continuar minha pesquisa.

Em seguida, fui para São Paulo entrevistar técnicos da Telesp ainda sobre o Minitel, que os franceses tentaram vender para o Brasil. A tecnologia chamava-se Videotexto, mas não funcionou; foi atropelada pela proposta do Cirandão, que foi a pré-história da internet, trajetória que relatei justamente no artigo “A pré-história da internet no Brasil”².

Miriam Grossi: Como foi a defesa da tese de doutorado?

Tamara Benakouche: Fui fazer o doutorado na França em 1985 e voltei em 1989. Fui a primeira do grupo Redes e Territórios a defender a tese. Fui aprovada em uma banca assistida por bastante gente, com muitos colegas e amigos (como Leila Dias, professora da Geografia da UFSC e Anísio Brasileiro, que foi reitor da Federal de Pernambuco). Foi muito bom, fiquei muito satisfeita. Só que, quando voltei ao Brasil, ninguém entendia direito o que eu tinha feito... Na época, sociólogos estudavam sobretudo ‘pobres e favelas’. Eu fiz uma apresentação de minha tese na UFSC, quando reassumi minhas atividades, mas infelizmente não teve muita debate.

Miriam Grossi: No retorno para o Brasil e ingresso na UFSC, quais foram as primeiras dificuldades da docência?

Tamara Benakouche: Ao voltar à UFSC, inicialmente fui dar aulas de Introdução à Sociologia, no Serviço Social e de Teoria Sociológica, nas Ciências Sociais, como fazia antes do Doutorado...

Meu marido, que já havia dado aulas no Depto. de Ciências Sociais,

² BENAKOUCHE, Tamara, 1997. Redes Técnicas - redes sociais: a pré-história da Internet no Brasil. Revista USP nº35 – Dossiê Informática/Internet.

https://www.researchgate.net/publication/270358487_REDES_TECNICASREDES_SOCIAIS_PRE-HISTORIA_DA_INTERNET_NO_BRASIL

tinha criado uma disciplina chamada Tecnologia e Sociedade. Daí, eu passei a colaborar no PPGSP oferecendo essa disciplina. Tinha pouca gente, mas ela foi viabilizada, inclusive porque alguns alunos de Engenharia vieram cursá-la.

Algum tempo depois, começou a funcionar o curso Gestão do Conhecimento, no LED (Laboratório de Educação a Distância), da Engenharia da Produção, e me convidaram para dar aula lá. O professor João Vianney, que era jornalista e havia feito um mestrado orientado por mim (sobre os usos pelos sindicatos das novas tecnologias de comunicação), começou a colaborar lá e me chamaram para dar essa disciplina Tecnologia e Sociedade. Foi uma experiência muito rica para mim. Aprendi muito.

Nessa época, tinha sido aprovada uma nova Lei de Diretrizes e Bases na Educação, que exigia que todos os professores que davam aulas no Ensino Básico e no Médio tivessem o curso de Pedagogia. Os professores que davam aula nas escolas, não podiam ter só o curso Normal. E também foi exigido que os professores das universidades tivessem mestrado. Acontece que nem todos eles tinham essa titulação, nem era fácil obtê-la rapidamente... Foi quando surgiu a ideia, em 2001, acho, no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, de se oferecer um curso pioneiro de Ensino à Distância, chamado Gestão do Conhecimento. Começou-se a oferecer este curso em várias universidades do interior do Brasil e nas escolas técnicas. Inicialmente foi um sucesso, mas depois houve um excesso de alunos e o curso começou a enfrentar problemas e oposições, inclusive porque era um curso pago. Daí, me afastei...

No entanto, através deste curso tive a experiência de orientar dissertações a distância, uma experiência pioneira de uso de tecnologia educacional; de dar aulas por videoconferência para outros locais, como Natal, Varginha, Curitiba... E a partir daí vieram mais alunos da Engenharia da Produção para assistir às minhas disciplinas no PPGSP, que eu dava com variações em torno do tema tecnologia e sociedade.

Inicialmente, não ofereci essas disciplinas na graduação. Mas, depois, quando começaram a surgir os blogs, criei - com a ajuda de um orientando - uma disciplina para o pessoal das licenciaturas, visando ensinar-lhes a fazer e usar blogs para comunicar e dinamizar as aulas dos futuros professores.

Na última pesquisa que fiz na UFSC, sobre o tema do uso de tecnologias nas licenciaturas, constatei que se falava muito sobre “a revolução” causada por essas tecnologias, mas você procurava ver que revolução era essa nas escolas e universidades reais e não se via nada. Nenhuma mudança nas formas de ensinar. E minha conclusão foi:

revolução “zero”. O pessoal da Educação era então super refratário ao uso de tecnologias. Achava que elas iriam tirar o emprego dos professores, que eram coisa de “gente de direita”.

Miriam Grossi: Como foi a experiência de orientação na Pós-Graduação?

Tamara Benakouche: Aos pouquinhos fui me aproximando dessa temática nas orientações. No início foi um processo meio lento, mas terminei orientando muita gente, em TCCs, dissertações de Mestrado e, depois da criação do Doutorado no PPGSP, algumas teses. Está tudo no meu LATTES. A destacar, a dissertação sobre a chegada da RBS em Santa Catarina, de Dulce Cruz, que ganhou um prêmio de melhor dissertação de uma associação brasileira de estudos da mídia.

Miriam Grossi: Conte-nos agora como foi o ingresso no tema riscos tecnológicos e o pós-doutorado nos EUA.

Tamara Benakouche: Eu comecei a conhecer um pouco da temática de riscos a partir dos trabalhos da minha colega de Departamento, Julia Guivant. Ela trabalhava sobre riscos, mas riscos ecológicos.

Daí, eu vi que eu podia estudar *riscos tecnológicos*, ao invés de *implicações sociais*, para substituir o conceito de impacto. Com dicas da Julia, fiz um projeto sobre riscos para um pós-doc. Eu não queria mais ir para França. Achava que já havia estudado muito lá. Quis ir para os Estados Unidos.

Meu professor na França - Gabriel Dupuy - tinha um relacionamento com um pessoal da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e fez a ponte para minha estadia lá. Eu tive sorte na preparação deste estágio, pois apesar de meu inglês ser apenas razoável, encontrei aqui uma professora americana que me ajudou muito

Fui aprovada para ir para Berkeley, mas não ganhei bolsa do CNPq. Creio que isso aconteceu porque eu usei o trabalho de Bruno Latour como um dos meus inspiradores e o parecerista não devia gostar dele, pois o que ele criticou no meu projeto foi justamente a parte em que eu usei Latour.

Como eu tinha o meu salário, fiz as contas e vi que com uma certa economia dava para viver nos Estados Unidos (nessa época, a moeda brasileira estava igual ao dólar). Fui sem conhecer ninguém na

Califórnia. Hoje eu fico pensando na minha coragem, pois na primeira vez em que eu fui estudar em Paris, eu tinha uns amigos lá. Então, segui para os Estados Unidos para estudar riscos, mas numa perspectiva sociológica, ou seja, sobre como os riscos eram percebidos por diferentes grupos sociais. Era uma coisa mais teórica.

A Universidade de Berkeley era uma das universidades *top 10* dos EUA, ou *top 5*. Tinha uma biblioteca espetacular. Eu estudei bastante, aproveitei muitíssimo. Meus dois *sponsors*, ou professores anfitriões, me deram uma sala, com computador, e me convidaram para assistir algumas aulas deles, mas sem obrigação disso. Eu tive inclusive acesso à internet, que já existia na época. Isso foi em 1997.

Berkeley era perto do Silicon Valley, da universidade de Stanford e da cidade de Palo Alto, que registrava uma das maiores rendas per capita dos Estados Unidos, pois lá morava o pessoal que trabalhava nas grandes empresas de tecnologia, que já existiam. Um dia, assisti uma palestra com o Bill Gates, onde ele contou, mais uma vez, aquela história de ter começado em uma garagem...

Como eu tinha ido estudar riscos tecnológicos, naturalmente os meus *sponsors* ou professores também se ocupavam dessa temática, mas trabalhavam os riscos da tecnologia nuclear. Eu fiquei ligada ao IGS - Institute of Governmental Studies. Um dos professores era do IGS e outro da Sociologia Política: Todd La Porte era engenheiro e o sociólogo era Gene Rochlin. Eles trabalhavam riscos tecnológicos, mas dentro também de uma perspectiva sociológica. A pesquisa deles era interessantíssima, pois eles mostravam a subjetividade do risco, como o risco não era objetivo. No caso, eles estudaram regras de segurança nas centrais nucleares em vários países, mostrando que elas não eram as mesmas; assim, o que era arriscado na França, não era arriscado na Alemanha, nem nos Estados Unidos. Mesmo nos Estados Unidos, na costa leste e na costa oeste, as regras de segurança eram diferentes. Foi muito interessante, porque eu tive de ler Mary Douglas, entre outros pesquisadores da Antropologia.

Então, hoje sabemos que a percepção de riscos é uma coisa cultural. O que é risco para um, não é para o outro. Assim, o Estado tem de entrar para criar normas de segurança, como obrigar o sujeito a usar capacete quando andar de moto, obrigar a usar cintos de segurança no carro. São as novas funções do Estado.

Trabalhávamos muito a noção de sistemas técnicos. Quando se cria uma nova tecnologia, não é só ela que se cria. Por exemplo, criar um avião significou criar um sistema técnico enorme: criar aeroportos, um sistema de torres e de controle de voos. O automóvel também foi uma mudança espetacular de sociedade.

Mas, ao mesmo tempo, meus professores também não eram deterministas. Porque combater o determinismo da técnica foi uma dimensão muito importante do meu trabalho, desmistificar a idéia de que a técnica pode tudo. Tem uma frase de Pierre Lévy³ no livro *Tecnologias da Inteligência*, que trabalha a educação, onde ele diz que “nós não estamos nas mãos da tecnologia, a tecnologia está nas nossas mãos”.

Ainda em Berkeley, eu participei de um grupo de debate onde eu entrava muda e saía calada, porque se discutia os riscos do plutônio nuclear (risos). Entendi que tinha de armazenar o plutônio das usinas nucleares, que era bastante, e isso era um problema. O que fazer com o plutônio? Armazenar esse plutônio onde? Era um problema enorme. Ter que decidir isso envolvia inclusive questões de diplomacia, porque não adiantava os EUA resolver o problema deles sozinho. Tinha que resolver e envolver questões de diplomacia. Tivemos inclusive uma reunião com pesquisadores russos. Esse dia foi ótimo, pois tivemos um almoço maravilhoso num dos restaurantes para visitantes, dentro do campus. Em geral, nossas reuniões eram ao meio-dia – eram os chamados *brown bag meetings*, porque se comia um sanduíche guardado em sacolinhas marrons de papelão. Nesse dia dos russos foi um almoço super chique!

Foi um período muito rico, sobretudo do ponto de vista teórico. Foi então que eu escrevi o meu artigo “Tecnologia é Sociedade: contra a noção de impacto tecnológico”⁴, que se tornou meu trabalho mais conhecido; digo que é meu sucesso acadêmico. Escrevi também um outro, que publiquei na revista *Ciência & Trópico*, do Instituto Joaquim Nabuco, no Recife. Assim, fui fazendo meu caminho.

Quando eu voltei do meu pós-doutorado, foi muito engraçado, pois já se tinha decidido, no final do ano, no Departamento, as disciplinas que seriam dadas no ano seguinte e eu tive de oferecer a disciplina Estudos de Problemas Catarinenses, no curso de Ciências Contábeis, à noite (risos). Um prêmio por todo o meu esforço, de suar um bocado em inglês. Quando você volta de um período no exterior, tem uma certa dificuldade para se adaptar. São outros os problemas, são outros os valores.

³ As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. P Lévy. Editora 34, 2010. 11174, 2010 ; O que é o virtual? P Lévy. Editora 34, 2011.

⁴ BENAKOUCHE, Tamara. Tecnologia é Sociedade: contra a noção de impacto tecnológico. Florianópolis, PPGSC/UFSC, Cadernos de Pesquisa no.17, setembro 1999, 22 p. Acesse o artigo em: https://www.geocities.ws/ecdemoraes/texto_tamara.pdf

Quando eu voltei, eu comecei a me interessar mais ainda por Bruno Latour. Para quem não o conhece, ele era antropólogo e sociólogo e morreu há dois meses; na revista *Piauí*, na edição de novembro de 2022, tem um resumo ótimo do trabalho dele. Como antropólogo, teve a idéia de estudar um grupo de cientistas da Califórnia, que faziam pesquisa no laboratório Salk, como se fosse uma tribo indígena. Ele não conhecia nada daquela linguagem, e ficava só observando suas ações, o que faziam e o que não faziam. Com base nessa pesquisa, publicou (em parceria com Steve Woolgar) um livro que ficou famoso: chama-se “Vida de Laboratório”, onde descreve uma comunidade de cientistas e mostra como, na prática científica, tudo significa alguma coisa, inclusive o tamanho das mesas dos pesquisadores... Constatou, por exemplo, que a última coisa que um chefe de pesquisa faz é pesquisar; o que ele faz é correr atrás do dinheiro, pois, sustenta Latour, sem dinheiro ninguém faz pesquisa. Isso é um dos principais argumentos que usa para mostrar a influência da sociedade na produção de tecnologias; sem dinheiro não tem tecnologia. De onde sai o dinheiro? Quais os interesses envolvidos? Esses são os pontos que precisam ser investigados.

Ainda tratando dessas questões, ele tem um livro que acho espetacular, chamado “Ciência em Ação”. Ele diz que para conhecer o fazer científico, não se deve estudar apenas seus resultados, o que se divulga depois. Deve-se estudar a ciência, e por extensão a tecnologia, ainda se fazendo, “in the making”, como diz ele. Só assim se pode identificar os interesses envolvidos. E a invenção de algo ou uma descoberta científica é sempre uma história complicadíssima. Por trás, tem sempre outra história, que envolve poder, lutas e interesses. Eu li esse livro ainda nos Estados Unidos. Nessa época, Latour dava aulas metade do ano em Stanford, na Califórnia, e na outra metade na École de Mines, em Paris. No final da vida, Latour passou a se interessar mais por questões ambientais, mas aí, já não acompanhei muito.

Miriam Grossi: Como aconteceu a aproximação teórica com Latour e a “vida de laboratório”?

Tamara Benakouche: Eu conheci mais Latour fazendo minha pesquisa nos EUA, do que na França. No fim de meu artigo “Tecnologia e Sociedade” eu explico um pouco isso. Comecei a me interessar mais pela produção da ciência, do que pela tecnologia. Tanto que comecei a dar aula de Epistemologia das Ciências Sociais, no mestrado e na graduação. Gostava muito. Consegui dar aulas bem dinâmicas. Levei os alunos para conhecer o laboratório de Psicologia da UFSC, e em outros laboratórios, levei ao Planetário... Dinamizei bastante, procurei questionar os olhares

de cada aluno: “O que será que eu estou vendo? O que é que eu estou vendo mesmo?” Foi muito interessante este exercício.

Miriam Grossi: Como foi o trabalho, especificamente, no Departamento de Sociologia da UFSC na fase final, já chegando próximo da aposentadoria?

Tamara Benakouche: A professora Ilse Scherer-Warren, que eu considerava a alma do Departamento, me apoiou não só nessa época, mas em todos os momentos em que estive na UFSC. Foi ela quem me empurrou para ir pela primeira vez à ANPOCS; para ser a coordenadora do Programa de Pós-Graduação de Sociologia Política, de 1994 a 1996. Depois, fui chefe do departamento de Sociologia e Política, de 1999 a 2001, e novamente coordenadora do PPGSP, de 2004 a 2006.

Em 2006, eu tive um câncer e me lembro da cena de me despedir do pessoal da Pós, antes de fazer uma cirurgia... Foi um câncer no intestino. Tive de fazer quimio e como eu já tinha tempo para me aposentar por tempo de serviço (porque eu tinha sido professora primária), eu pude me aposentar. Tirei licença durante o tratamento e em 2007, eu me aposentei. Mas, fiquei ainda quatro anos como professora voluntária: ministrei disciplinas, orientei estudantes, cuidei da Revista Política e Sociedade e ainda fui consultora da CAPES, para avaliar cursos de pós-graduação de Sociologia.

Miriam Grossi: Ao lado da pesquisa e da docência, como foi a atuação como editora da Revista Política e Sociedade e membra do Conselho da EdUFSC?

Tamara Benakouche: Outra coisa que eu não posso deixar de contar, da qual eu me orgulho muito, é que eu fui a primeira editora da revista Política e Sociedade. Empurrada, óbvio, por Ilse, porque eu dizia: ‘eu não vou conseguir’ e ela dizia: ‘sim, você vai’. Então, eu fui. Desde o primeiro número até o nono número, eu fui a editora. Foi o que mais me deu trabalho nesta universidade. A gente aprovou, desde sua criação, que não podia ficar publicando artigos dos professores do Programa, porque, senão, ela iria ser classificada pela CAPES como uma revista local, e não queríamos isso. E aí, o que fiz de descontentes... Foi difícil! O pessoal local queria publicar, mas eu limitei apenas um artigo por número... Já ninguém dos “grandalhões” queria, porque ninguém conhecia a revista.

E você tem de publicar grandalhões, para poder dar nome à revista. Olha, não foi fácil, mas eu consegui fazer.

Já a participação no Conselho da Editora da UFSC, foi muito antes, creio que antes mesmo do período nos Estados Unidos. Durante quatro anos eu fiquei lá. Aprendi muito, sobretudo, com os demais pareceristas.

Dar pareceres é sempre um problema, porque quando o texto é bom ou o texto é ruim, não há problema em se dar um parecer favorável ou desfavorável. Agora, quando o texto é mais ou menos - que é a maioria -, você tem de salvar a parte boa, pedir para o autor tirar a parte ruim e depois, caso ele acate suas críticas, ler novamente. Dá trabalho! Mas, ter colaborado com a EDUFSC foi uma boa experiência para tocar *Política e Sociedade*. Essa tinha um conselho editorial, mas o pessoal demorava muito para dar um parecer; eu tinha de ficar pedindo... O maior problema, porém, era arranjar dinheiro para cobrir os gastos de impressão. E ela era semestral... Felizmente, os coordenadores do PPGSP, como o professor Ricardo Silva e a professora Cécile Hélène Jeanne Raud (*in memoriam*), apoiaram muito. Fui editora durante nove números. Para mim, foi uma grande conquista, pois “*Política e Sociedade*” se tornou uma revista respeitada.



Miriam Grossi: No Comitê de avaliação da CAPES, a professora experimentou um pouco da política científica brasileira. Como foi esta fase?

Tamara Benakouche: Já aposentada, em 2007 e 2008, recebi o convite para ingressar no comitê de avaliação da CAPES. Coisa que dá muito trabalho e muito prestígio, mas eu não curti muito, não. Viajei bastante, conheci muito, mas se eu tivesse feito isso mais nova, talvez eu tivesse aproveitado mais.

Miriam Grossi: A minha pergunta é sobre o seu pioneirismo. Você considera que fez alguma escola? Teve orientandos seus que continuaram trabalhando com estas questões pioneiras que você trouxe? Aqui na UFSC e no curso de pós-graduação? Qual a sua avaliação agora sobre a sua contribuição?

Tamara Benakouche: Infelizmente eu não fiz herdeiros, pessoas que continuassem meu trabalho. De vez em quando o pessoal do jornalismo da UFSC quer alguém que fale sobre tecnologia, mas eu me recuso. Já

não me sinto atualizada... Antigamente, eu indicava duas alunas que fizeram concurso aqui na UFSC. Uma é a Dulce Márcia Cruz que é professora na Educação. Ela fez a pesquisa sobre RBS, escrevia muito bem. A outra é a Marialice de Moraes, do curso de Economia da UFSC. Hoje não sei mais o que ela faz.

Miriam Grossi: Pode nos contar um pouco da sua participação nas associações científicas? Como a ANPOCS?

Tamara Benakouche: Quanto eu estava em Berkeley, participei do encontro da ISA (Associação Internacional de Sociologia), em Montreal, acho que em 1998, com apresentação de trabalho. Mas, não estava sendo financiada e fiquei lá muito pouco

Minha primeira vez na ANPOCS, fui como coordenadora da Pós. Não apresentei trabalho. No entanto, eu me ‘grudei’ no grupo de questões urbanas, cuja coordenadora era Tamara Egler, da UFRJ. Participei nos três dias e fiz ligação com o grupo. No ano seguinte, mandei trabalho, que foi aceito, pois Tamara Egler havia criado uma última sessão sobre tecnologia e espaço. Depois, participei de outros três GTs, sempre apresentando trabalhos. Escrevi sobre educação a distância no artigo “Tecnologia a distância: problema ou solução”⁵. Ele foi aceito, e eu o apresentei no GT de Educação. Depois participei da criação de um GT. Quem trabalhou comigo foi Tom Dwyer, de São Paulo, e outro professor de Minas. No departamento, eu tinha um “concorrente”: meu colega Franz Josef Bruseke, que estudava tecnologia, mas numa perspectiva totalmente diferente da minha. Ele estudava sobretudo as concepções de tecnologia em Martin Heidegger. Mas, eu aceitei um trabalho dele para apresentação no GT da ANPOCS e no número 4 da revista Política e Sociedade, sobre a temática Ciência e Tecnologia, eu publiquei um artigo dele.

Ainda sobre a ANPOCS, eu também ia levando as revistas Política e Sociedade para vendê-las e divulgá-las, sempre com a colaboração de alunas e alunos da Graduação.

Para encerrar, gostaria de dizer que quando voltei do Doutorado,

⁵ Benakouche, Tamara. 2000. "Educação à Distância (EAD): uma solução ou um problema?". Instituto Superior de Economia e Gestão – SOCIUS Working Papers nº 05/2000.

Acesse o artigo em:

<https://repositorio.ulisboa.pt/bitstreams/ef733905-09fc-40b9-ae54-1595a1b1f40b/download>

ninguém entendia direito o que eu havia feito. Tive mais interlocução com a Geografia, graças à Profa. Leila Christina Duarte Dias, que também havia estudado sobre o mesmo assunto que eu, na França, só que numa perspectiva geográfica. Além disso, é bom lembrar que as novas tecnologias, que a gente estudava, a primeira coisa que colocavam em questão era o espaço. Então, se eu estivesse aqui ou no Japão, a gente se comunicaria do mesmo jeito. Os geógrafos começaram a se interessar pela temática, inclusive Milton Santos, que eu havia conhecido em Paris, através da Leila. Com ele eu participei, inclusive, de uma mesa na ANPUR – Associação Nacional de Planejamento Urbano e Regional. Foi tenso... Falar depois de Milton Santos numa mesa-redonda foi um dos grandes desafios da minha carreira.

As dificuldades que eu tive aqui em Florianópolis para receber reconhecimento devido a meu caráter - como você chama, assim, meio pioneiro - eu resolvi uma parte com a Geografia. E a Leila foi uma interlocutora importantíssima. Eu a conheci em Paris. Um dia, meu orientador disse: *“tem uma brasileira fazendo um trabalho bem parecido com o da senhora; é melhor a senhora entrar em contato com ela.”* Vi que ela era do Rio de Janeiro, entrei em contato e sou amiga dela até hoje. Ela veio morar aqui e a família também. Chegamos a apresentar trabalhos em um congresso em Paris; depois, juntamos esses trabalhos e fizemos um artigo só, que foi publicado em uma coletânea, pela Documentation Française.

Na SBS, eu participei, pela primeira vez, no Rio. Não tenho certeza, mas acho que apresentei um trabalho de que eu gosto até hoje, (mas não o publiquei...). Eu comecei a ver a possibilidade de as cidades ficarem mais esvaziadas, a partir da intensificação do teletrabalho. Eu me lembro que considerei isso como uma solução para as cidades, a partir de uma política pública que disciplinasse esses usos. Ou seja, eu via o teletrabalho como uma possibilidade para a desconcentração urbana. Na minha tese já tem um item sobre teletrabalho, já se falava sobre isso, mas nessa época em que apresentei esse trabalho da SBS o teletrabalho era muito incipiente.

Evelin Neves: Foi muito bom poder ouvir, aprender. A pergunta que queria fazer é mais subjetiva. A sua saída Recife para o Sul, uma diferença tão grande, como foi?

Tamara Benakouche: Não foi fácil, assim como eu imagino que seja para quem sai do Sudeste e outras regiões, para ir para o Nordeste. Eu já tinha passado por Paris, frio eu já conhecia. Mas, foi difícil me adaptar inicialmente em Curitiba, onde morei quatro anos. Quem mora em Curitiba, depois mora em qualquer lugar, porque é muito frio. Eu tive

sorte no meu trabalho de fazer boas amizades, mas passei muito frio, porque não tem aquecimento nas casas. Eu também estava muito isolada, eu não tinha família lá. Eu tive meu filho lá. Tudo assim meio sozinha. Não foi fácil, mas acho que sou corajosa. Devo dizer que sou católica, tenho fé em Deus, rezo bastante. Eu acredito que tem gente lá em cima que olha por mim. Sempre as coisas dão certo quando eu me esforço.

Preciso ainda dizer que muito das coisas que eu fiz, sobretudo as análises sobre tecnologias (e talvez não seja muito feminista eu dizer isso...), eu devo ao meu ex-marido. Eu me separei, sou divorciada, mas até hoje somos amigos. É um grande amigo que eu tenho. Ele inclusive me apoiou do ponto de vista teórico. A primeira vez que li um livro de Latour foi por indicação dele...

Referências:

BENAKOUCHE, Tamara. 2000. "Educação à Distância (EAD): uma solução ou um problema?". Instituto Superior de Economia e Gestão – SOCIUS Working papers nº 05/2000.

BENAKOUCHE, Tamara. Redes Técnicas/Redes Sociais: pré-história da Internet no Brasil. Revista USP, São Paulo, v.35, p.124-133, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26923> Acesso em: 31 jan. 2023.

BENAKOUCHE, Tamara. Tecnologia é Sociedade: contra a noção de impacto tecnológico. Cadernos de Pesquisa do PPGSP, Florianópolis, n. 17, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, 1999. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/41838/1/ARTIGO_Produc](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/41838/1/ARTIGO_Produc%20aoSocialTecnologia.pdf) aoSocialTecnologia.pdf Acesso em: 31 jan. 2023.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994 (ou 2ª ed., 2009; 3ª ed., 2013).

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Tradução de Maria Leonor N. de P. Tavares. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti e Jesus de Paula Assis. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 438 p.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

REPOSICIONANDO o Olhar: Pioneiras nas Ciências Sociais da UFSC. Autoras: Suzana M. Vergara. M. Costa; Barbara M. Amorim; Miriam P. Grossi; Vitória da Silveira; Carmen B. Heisecke Almeida; Evelin Neves. Florianópolis: Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades, 2023. (Vídeo de 52 min.). Link de acesso: <https://youtu.be/ZakKFsize-o?si=3ZlmoF8BAs4GwVJH>

Tamara BENAKOUCHE

Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atualmente aposentada. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (1970), mestrado no Institut d'Etudes du Developpement Economique et Social - Universite de Paris I (Panthéon-Sorbonne) (1977), doutorado no Institut d'Urbanisme de Paris - Université de Paris XII (Paris-Val-de-Marne) (1989) e pós-doutorado na Universidade da Califórnia/Berkeley (1997-1998).

Miriam PILLAR GROSSI

*Profa emérita da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), coordenadora editorial dos Cadernos de Gênero e Diversidade e pesquisadora 1A do CNPq com o projeto “Políticas e Experiências de Equidade, Formação e Inclusão: uma etnografia sobre práticas de gestão, ensino, orientação e extensão em universidades públicas brasileiras”. Co-coordena a Commission Global Feminisms and QueerPolitics e é vice-presidente da IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences) (2023-2027).
<https://orcid.org/0000-0002-4399-6544>*

Carmen HEISECKE,

Cientista Social e Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina. Egressa do NIGS - Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividades da UFSC. É advogada e voluntária na comissão de combate à violência contra mulheres da OAB/SC.



Suzana VERGARA,
Graduada em Antropologia (UFSC), mestra em Teatro, com enfoque em teatro feminista (PPGT-UDESC), doutoranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH-UFSC). E-mail: suzanavergara10@gmail.com

Evelin NEVES,
Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) desde 2021. Foi bolsista de iniciação científica no Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades - NIGS. Também foi bolsista de extensão na Revista Estudos Feministas, vinculada ao Instituto de Estudos de Gênero (IEG-UFSC). Atualmente pesquisa práticas e visões de mundo de fãs em fóruns na internet.

Izabela Liz SCHLINDWEIN,
Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS-UFSC), membra do Comitê Editorial dos Cadernos de Gênero e Diversidades, atualmente, trabalha como professora de Educação Infantil na Alemanha.

Recebido em: 25/11/2025

Aprovado em: 01/02/2026

Realização:

